

Conversão de dívida está em queda este ano

Sergio Lamucci

De São Paulo

As conversões de dívida externa em investimento perderam força neste ano. Com a maior estabilidade da taxa de câmbio e um crescimento mais forte da economia, as conversões totais em participação no capital das empresas totalizaram US\$ 1,773 bilhão de janeiro a julho, 34,8% abaixo dos US\$ 2,722 bilhões do mesmo período de 2003. Essa número engloba as transformações em investimento de empréstimos intercompanhias, juros, crédito de fornecedores, títulos e empréstimos diretos.

Se analisadas isoladamente, as conversões de empréstimos intercompanhias — entre matriz estrangeira e filial no Brasil — em participação no capital também

caíram com força. De janeiro a junho, atingiram US\$ 969 milhões, 37% abaixo dos US\$ 1,558 bilhão dos primeiros sete meses de 2003.

Para o economista Júlio Callegari, da Tendências Consultoria Integrada, a maior estabilidade do câmbio é o principal fator que explica a queda nas conversões ocorridas em 2003 e 2004. Em 2002, no meio da turbulência financeira que fez o câmbio oscilar muito e atingir R\$ 4, as operações totalizaram US\$ 8,485 bilhões. No ano passado, caíram para US\$ 5,212 bilhões, e neste ano devem cair mais.

Com um câmbio volátil e muito desvalorizado, muitos optaram pela transformação da dívida em investimento, afirma Callegari. A questão é que ficava muito caro comprar os dólares para quitar o débito num momento em que as

cotações da moeda americana batiam recorde atrás de recorde.

De lá para cá, a situação do Brasil melhorou significativamente. O dólar caiu e se estabilizou e a economia deve crescer mais de 4% neste ano. “Com isso, muitas filiais podem pagar suas dívidas, e não optam pela conversão”, diz o economista-chefe da Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e da Globalização (Sobeet), Fernando Ribeiro.

O saldo de empréstimos intercompanhias ficou negativo em US\$ 409 milhões entre janeiro e julho, resultado de entradas de US\$ 2,337 bilhões e amortizações de US\$ 2,746 bilhões. Dessas amortizações, porém, US\$ 969 milhões não saíram efetivamente do Brasil, porque houve conversão da dívida em aumento da participação da

matriz no capital da filial. Para o economista-chefe do HSBC, Alexandre Bassoli, os empréstimos intercompanhias e sua transformação em investimento foram uma estratégia muito usada em 2002 porque “havia secado outras fontes de financiamento para o país”. Como elas se normalizaram de lá para cá, é natural que tanto o saldo desses empréstimos como suas conversões em participação no capital diminuam, diz Bassoli.

As conversões totais de dívida externa contribuíram com US\$ 804 milhões do fluxo de US\$ 5,644 bilhões de investimentos estrangeiros diretos (IED) registrado entre janeiro e julho, o equivalente a 14,2% do total. Nos primeiros sete meses de 2003, responderam por 24,5% dos US\$ 4,747 bilhões de IED.